



Clemens J. Setz

Der Trost runder Dinge

O consolo das coisas pequenas

Suhrkamp Verlag, Berlin, 2019

ISBN 978-3-518-42852-8

Excerto traduzido por Helena Topa

E-mail: helenatopa28@gmail.com

Páginas 31-41 | 157-168

A ANTIGA CASA

Eu segurava um pente, o meu fato era castanho, no horizonte giravam guindastes. Era uma casa rebocada a branco acinzentado, nos arredores. Apresentei-me como «Peter Ulrichsdorfer». O pai da família Scheuch (segundo a etiqueta da campainha), um homem bigodudo, ouviu o meu pedido, assentiu, estendeu-me a mão e que disse sim, não havia problema, eu podia dar uma vista de olhos. Entre, entre, por favor. Talvez reconhecesse de facto alguma coisa.

– Quando foi que viveu aqui exatamente? – perguntou-me.

– Foi há muito tempo – respondi. – Mudei muitas vezes de casa em criança, mas foi aqui que ficámos mais tempo, quase sete anos. Até aos meus treze anos, mais ou menos.

Pus uma mão no aro da porta, que parecia novo, e retirei-a logo de seguida, como se estivesse dececionado.

– Ah, pois, é verdade – disse o senhor Scheuch e levou um dedo ao queixo, como se tivesse de refletir. – Mudámos para cá no verão passado. Antes de nós, morou aqui uma senhora de idade. Zuser.

– Zuser – repeti eu, pensativo. – Não, não me diz nada.

Entrei para o átrio da casa. Estavam lá duas crianças. Quando me viram, desapareceram em direção às escadas. E, *jackpot*, também havia uma esposa, o senhor Scheuch explicou-lhe brevemente a razão de eu estar ali. De seguida, que a paz esteja com ela, pôs-se a uma certa distância e fez de conta que estava ocupada com uns objetos de uma das estantes. Maravilha! Eu conhecia bem aquele olhar vigilante para o lado, entretanto era-me tão familiar como em tempos as diferentes posições das orelhas do meu cão Jeff. Uma determinada posição queria dizer alarme, outra descontração, outra vontade de brincar, etc. Gostaria muito de saber como estava o Jeff agora. Disseram-me que as pessoas com quem está a viver agora eram boa gente. Boa gente com um grande coração.

– Sim, aqui, este quarto, exato – disse eu, e ia apontando em círculo. – Mas está tudo muito mudado.

– Oh – disse o senhor Scheuch.

– Mas na altura eu também era mais pequeno – disse eu.

Por isso, pus-me de cócoras e olhei para cima, para o teto. Além disso, guardei o pente no bolso do peito, já tinha cumprido a sua função. Nada dá uma impressão tão inocente como um homem que, antes de tocar a uma campainha, ainda dá um retoque ao cabelo.

– Aqui dá para a cozinha – disse o senhor Scheuch.

Ergui-me e dei alguns passos atrás dele.

– Mas isto aqui foi tudo feito por nós – disse ele.

– Sim, sim, bem vejo – disse eu. – É muito simpático da sua parte deixar-me ver a minha antiga casa.

Voltei à sala de estar.

– Posso ver ali ao fundo? Era para ali que eu ia depois de vir da escola, parece-me.

O senhor Scheuch assentiu.

– Sim, com certeza – disse ele – compreendo a sua... a sua situação. Como disse, esteja à vontade para dar uma vista de olhos.

Dei um passo inseguro em diante, em direção a outro compartimento, que ficava à direita, ao lado da porta da entrada, mas depois fiquei parado e apoiei-me no encosto do pesado cadeirão. Como se estivesse com a visão turva, pus a mão à frente da cara e abanei lentamente a cabeça.

– Não se está a sentir bem? – perguntou a mulher.

Mas soava a coisa mecânica. Ela ainda não estava em cena, ainda não estava no papel.

O senhor Scheuch, cujo primeiro nome gostaria de ter sabido, foi até à cozinha. Voltou com um copo de água. Tinha uma daquelas caras cheias de covinhas, que pareciam sempre involuntariamente contentes, como Deus as dá às criaturas que são tiradas demasiado cedo do ninho.

– Tome, faça favor – disse ele.

Só agora me dava conta de como tinha um aspeto atlético, de ginásio. A cara distraíra-me. O bíceps dele repuxou o tecido da camisa quando me chegou o copo de água. E no pescoço também tinha uns músculos bem visíveis.

– Já estou melhor – disse eu – obrigado. É por ser tanta coisa. É que tudo mudou muito. Desde então mudei-me tantas vezes. Até na Suécia vivi.

Disse Suécia, porque era a vez da letra S. Tinha sido a vez da letra R no fim de semana anterior, na conversa com a mulher tatuada de répteis, no Club Typhoid, na Rechbauerstraße. Roménia.

– Ah, Suécia – disse o senhor Scheuch. – E onde?

– Está tudo tão modificado aqui – lamentei. – Faz-me pena.

– Pois – disse a mulher. – Modificado, hum.

– Então e isto? – perguntou o senhor Scheuch e apontou para um piano velho.
– Já cá estava quando nos mudámos.

– Não – e fiz que não com a cabeça. – Nunca o vi.

Pareceu de facto um pouco desiludido. Talvez começasse agora, como a maioria, a mostrar-me a sua casa, para ver se algum dos recantos e objetos despertariam alguma recordação, mas não, apenas fez um gesto com a cabeça e disse:

– Ah, pois. E onde viveu na Suécia, concretamente?

– Estocolmo – disse eu. – Mas, como disse, foi pouco tempo. A minha família mudou-se muitas vezes.

– É verdade, já tinha dito – disse o homem. – Sempre gostei de lá ir. A Estocolmo.

– Será que posso – principiei eu. – Será que posso, quer dizer... Haveria algum problema em deixar-me ver o jardim? Realmente, é muito simpático.

Fez-se uma pausa. Depois, o senhor Scheuch disse:

– De modo algum, não há problema nenhum. Por aqui, faça favor, está a ver a porta.

Apontou para uma porta alta, envidraçada, que dava para o terraço. Indiciei uma vénia de agradecimento e saí pela porta para o jardim. O ar fresco vinha exatamente no momento certo agora, ainda era possível respirar alguma calma e segurança antes de introduzir os passos necessários. Havia um regador branco na relva ao lado de um automóvel de brincar com controlo remoto. E mais atrás havia um baloiço à Hollywood, horrível e antiquado.

Quando me voltei e fiz menção de regressar à sala de estar da família Scheuch, tinha de repente dois homens diante de mim. Um deles era o senhor Scheuch, o outro era uma cópia inexata dele. Não só eram parecidos como traziam o mesmo tipo de camisa descuidada aos quadrados, mas a cópia má tinha mais meia cabeça de altura do que o senhor Scheuch.

– O meu irmão – disse o anfitrião.

– Alex – disse o homem e pôs a mão no peito.

– Prazer – disse eu. – Peter Ulrichdorfer.

– Como? – disse o irmão e inclinou-se um pouco na minha direção para poder ouvir melhor.

– Ulrichdorfer.

– Aha – disse ele.

– Ulrichsdorfer ou Ulrichdorfer? – perguntou o senhor Scheuch.

– Sem s – disse eu. – Embora a maioria das cartas que recebo sejam endereçadas ao s excedentário, ah! ah!

Os homens esboçaram um sorriso.

Apercebi-me de que o irmão chamado Alex segurava qualquer coisa debaixo do braço. Era um álbum de fotografias.

– Então, reconhece alguma coisa?

– Está tudo tão diferente – respondi. – Mas é mesmo amável da sua parte ter-me permitido olhar um pouco para tudo... Diga-me uma coisa, mudou muita coisa no jardim?

– Ainda queríamos mostrar-lhe isto aqui – disse o senhor Scheuch, apontando para o álbum de fotografias que o irmão segurava debaixo do braço.

– A velha senhora Zuser deixou-o aqui – disse Alex.

Os homens riram sobre esta observação.

Voltámos à sala de estar. O senhor Scheuch fechou a porta que dava para o terraço atrás de mim. Estava a ficar um pouco frio, achava ele. Talvez ainda viesse a chover mais tarde.

– Bem, então muito obrigado – disse eu.

– *Sorry*, há pouco cheguei um pouco atrasado – disse o irmão. – Então e afinal qual era o seu quarto?

Pousou-me uma mão no ombro.

– Ah, era lá em cima. Era um dos quartos de criança. Mas já dispus muito do seu tempo e paciência...

– Não, não, não há problema nenhum – disse o senhor Scheuch.

Agradei muito aos dois homens, acenei também à mulher e dei uns passos em direção à porta. Ao mesmo tempo, a minha mão deslizou para dentro do bolso do fato de aluguer e agarrou o *Stunmaster 500*.

– Ora veja aqui – disse Alex. – Reconhece isto? Era assim a entrada dos carros antes de irmos para cá.

Debrucei-me sobre a foto e anuí.

– Sim, parece-se um bocadinho com o que era antigamente. Mas não sei, acho que a minha memória já não está famosa.

– Estás a ver? A memória dele está fraca – disse o senhor Scheuch a Alex.

– Pois, é o velho problema – disse Alex e folheou o álbum. – E isto aqui, o que lhe parece?

– Também bastante desconhecido – disse eu.

– Oh – disse Alex e abanou a cabeça.

Seria fácil chegar à zona do pescoço dele, pensei eu. Os botões do *Stunmaster* já estavam um pouco gastos, às vezes era preciso carregar com mais força, um risco adicional. Olhei para o lado, para o senhor Scheuch. Tinha um varão de cortinado

pesado na mão. Com aquilo era possível, quem sabe, esmagar o crânio de um rinoceronte. Mas ele fazia de conta que estava irritado por aquele objeto lhe ter ido parar às mãos sem querer e encostou o varão ao pé dele, num dos cantos da sala.

– Não se quer sentar um bocadinho e olhar para as fotografias? – perguntou Alex e estendeu-me o álbum.

– Oh...

– A menos que lhe mexa demasiado com as emoções ou assim.

– Não, não – disse eu. – É mesmo muito amável da sua parte.

– Ele não está a reconhecer nada – disse o senhor Scheuch.

No mesmo instante, a senhora Scheuch aproximou-se de mim. Tinha na mão um prato com uma fatia de bolo. Era amarelo escuro.

Ficámos sentados no sofá. Eu tinha o álbum nas mãos e ocorreram-me duas palavras: nada profissional. Não era nada profissional estar com o álbum nas mãos, a folheá-lo. Não era nada profissional deixar que me servissem bolo.

– Sim, o quarto lá em cima – disse o senhor Scheuch. – Qual deles era?

Refleti e balancei a cabeça para um lado e para o outro, mas a expressão facial dele não se alterou.

– Dava para o jardim ou para a rua? – disse o irmão, vindo em minha ajuda.

Não soava muito sério.

– Para o jardim – disse eu, como se tivesse acabado de me ocorrer.

Os dois homens trocaram um olhar.

– Exato, o jardim já o viu – disse Alex.

– Sabe, isso pode ser de facto um problema, se quiser ver o seu antigo quarto – disse o senhor Scheuch. – Não é nada de pessoal, senhor Ulrichsdorfer, *sorry*, Ulrichsdorfer, só que o Jeremias está a ocupar o quarto. Tratamo-lo por Jerry.

– Ah, ok – disse eu – só quis mesmo ver a casa. A impressão não é aquela que esperava, de qualquer forma.

Com este tipo de formulações ligeiramente acusatórias tivera muitas vezes sucesso no passado. Mas ali não estava a ter efeito.

– Bem, podemos pedir-lhe – opinou o irmão.

O senhor Scheuch inclinou a cabeça lateralmente e abanou-a:

– Não, isso só vai baralhá-lo.

– Sim, isso vai – disse Alex. – Mas ele – e apontou com o polegar para mim – afinal de contas está na casa onde passou a infância, é uma situação emotiva e não pode entrar no antigo quarto, nem por um segundo, talvez ajude – e ao dizer isto tocou-me no ombro – dizer-lhe.

Durante um bocado ficámos todos em silêncio. Apercebi-me de que o prato com o bolo estava no chão entretanto, mesmo junto aos meus pés. Não me lembrava de tê-lo posto ali.

– O seu filho está doente? – perguntei.

– O nosso filho? – perguntou o senhor Scheuch.

– Estava bem – disse Alex.

– Não, não – disse o senhor Scheuch. – O Jeremias mora lá em cima. Perdeu um dedo.

– Um dedo?

– O senhor Scheuch e o irmão entreolharam-se. Tomaram uma decisão em silêncio. O senhor Scheuch suspirou, ergueu a mão e mostrou-me o dedo médio, *fuck you*.

– Não se assuste – disse ele. – É este. É este dedo que lhe falta. Está a ver?

– Sim, foi horrível – disse o irmão. – Não foi só por ter perdido um dedo, mas também a forma como –

– Bem, como disse, não sei – interrompeu-o o senhor Scheuch.

– Nós começámos – disse o irmão – portanto também temos de... senão não é justo, não é?

Voltou-se para mim:

– Foi ele próprio que o roeu. Estava constantemente a roê-lo.

– Sempre?

– Assim como estás a dizer, até parece que o dedo lhe voltava a crescer – disse o senhor Scheuch.

– O que eu queria dizer era que não foi de repente – corrigiu-se Alex, rindo. – Não foi um ataque súbito, foi ao longo dos anos, foi um trabalho contínuo.

Fez um gesto com a mão, como se estivesse a cortar o ar em fatias finas.

– Como é que ele o fez? – perguntei eu.

– Estava sempre a tirar um bocadinho. Hum, como é que lhe hei de explicar.

– E foi precisamente no seu antigo quarto – disse o senhor Scheuch.

– Sim, hum, como é que havemos de... – repetiu o irmão, e o seu rosto exprimia uma dor profunda, misteriosa.

– São sempre estas transições lentas da vida – disse o senhor Scheuch. – Estas é que são o problema, não são as súbitas. Todos os dias tirava mais um bocadinho, isto ao longo de cinco anos. Até que a certa altura o dedo... hum. Não sei porque é que se encara isto tão mal. Quer dizer, nós não ignorámos o que estava a acontecer, não é isso. Preocupamo-nos uns com os outros.

O irmão abanou a cabeça em sinal de concordância.

– Deve ser como naqueles filmes sobre Alcatraz – prosseguiu o senhor Scheuch – onde escavavam um túnel décadas a fio com uma colher de chá ou coisa parecida. E o túnel vai aumentando todos os dias, enfim, quantos milímetros serão, Alex?

O irmão ergueu os ombros ao mesmo tempo que as sobrancelhas, depois o rosto dele ganhou uma expressão pensativa, de cálculo e disse:

– Bem, de certeza que deviam ser insignificamente poucos. Um, dois milímetros por dia, no máximo.

– Sim, e –

– Se tanto – acrescentou o irmão.

– E é assim que explicamos isto – disse o senhor Scheuch. Mas a verdade só Deus a sabe.

– Uau – disse eu. – Isso é mesmo... uau.

Fui tomado por uma terrível desilusão. Devia ser assim que se sentia alguém que estava constantemente a ser expulso de sua casa.

– É perturbante, pois é – disse o senhor Scheuch. – Lá em cima, no seu quarto, o que dá para o jardim.

– Este dedo – disse Alex e fez o gesto de novo. – Ainda por cima o mais comprido.

Os dois homens levantaram-se em simultâneo. Na tentativa de constituir pelo menos um triângulo isósceles com eles que representasse força, também me levantei. Mas como o álbum de fotografias ainda estava pousado nos meus joelhos, caiu-me ao chão. Quando me debrucei para pegar nele, o *Stunmaster* escorregou-me do bolso.

O irmão inclinou-se para o apanhar.

– Olha – disse ele e passou o aparelho ao senhor Scheuch.

Este passou a mão por cima para limpá-lo e ficou a observá-lo, ligou-o, desligou-o. Depois devolveu-mo.

– Então, não reconhece mesmo nada? – perguntou o irmão e pôs-me a mão nas costas.

Conduziu-me gentilmente até à porta.

– Não sei – disse eu.

– Acharia verdadeiramente triste, muito triste mesmo, se não se lembrasse de nada desse tempo. Isso significaria que a sua infância não representaria qualquer tipo de âncora em relação ao presente. Que só existe, única e exclusivamente dentro de si, nas suas recordações. O baloiço do jardim, viu-o? Nem sequer esse?

– Ah, sim, esse vi, claro – disse eu com um sorriso triste.

– Sim, não foi nada barata aquela coisa – disse o irmão, também com um sorriso triste.

Estávamos em frente à porta da rua.

– Quero agradecer-lhe – disse eu, esforçando-me por falar baixo. – Muito obrigado por me ter ajudado em relação ao meu passado...

– Claro, mas é evidente – disse o irmão. – Não há nada mais triste neste mundo do que uma pessoa que não tem passado e que por isso anda a vaguear sem parar. Se pudermos fazer alguma coisa para que haja menos pessoas assim no mundo, todos os esforços valem a pena.

Saí pela porta da rua para a luz do Sol. O dia estava muito quente, começava a transpirar debaixo do fato. Fui a cambalear pela rampa de entrada. Portanto, também aqui não tinha sido bem-sucedido. Não encontrava um lar, não encontrava o sentimento de proteção que se vai sucedendo ao poucos, pacientemente, aos primeiros dias caóticos após a mudança de casa, não encontrava uma atmosfera de segurança. Teria feito todos os esforços, trabalhado arduamente para consegui-lo. Contra toda a resistência dos assaltados. A mulher seria provavelmente a última a ser convertida, via-se isso no seu rosto nobre. Alguém chamou por mim e eu voltei-me.

– Espere um momento!

O senhor Scheuch veio pelo relvado ter comigo. O irmão estava junto à porta aberta.

– Fiz-lhe aqui uma cópia e queria dar-lha – disse o senhor Scheuch. – Mas depois saiu tão depressa pela porta.

Estendeu-me uma fotografia. Dei um passo atrás.

– O meu irmão acha que o senhor não consegue lembrar-se de nada. Portanto pensei que lhe devia dar esta foto. Mostra o jardim e a parte das traseiras da casa, tal como era há cinquenta anos. Esta plantação toda – aqui em cima, está a ver – nem sequer existia, embora não dê para perceber muito bem pela fotografia. Mas aquela coisa de lata no cimo falta aqui, está a ver. E aqui, a entrada para a cave, também mandámos entaipar no inverno passado. Espero que ajude. Às vezes precisamos de pequenos meios auxiliares. Assim talvez consiga reconstruir as antigas memórias. Porque ninguém deveria ver-se obrigado a andar assim a vaguear completamente no vazio.

– Obrigado, é muito simpático – disse eu.

– Assim sem nada de nada. Tão perdido, tão completamente *fucked*.

Estávamos um em frente ao outro. Contava que pudesse a qualquer momento abraçar-me ou atacar-me, mas não o fez. Em vez disso, tirou uma colher de chá do bolso das calças e passou o polegar pelo rebordo gasto.

– Então? – perguntou ele e depois segurou a colher como se fosse um pedaço de âmbar, examinando-a à luz. – O que lhe parece o céu? Ainda vem aí trovoadas hoje?

A FOTOGRAFIA DE TURMA

Pelo pátio da escola primária Eduard Osbick seguia, passando pela estátua grande e branca de um pássaro, um homem baixo. O sol do fim da tarde, já muito baixo, projetava a sua sombra para diante, uma caricatura comprida de incendiário do seu corpo. O homem segurava o guarda-chuva diante de si como um ramo de flores. Ao aproximar-se do edifício da escola, ergueu a cabeça; a diretora, à janela, recuou um passo.

Como as noites já estavam a ficar um pouco mais frias, mas o aquecimento do edifício ainda não estava ligado, a diretora vestira o casaco. Naquela manhã, quando saíra de bicicleta para o trabalho, já cheirava a outono, a terra pesada, a bolotas e a folhas caídas. Mas as folhas ainda estavam todas nas árvores e o vento, durante o percurso, era quente. Uma fábrica fora destruída por um incêndio uns dias antes, havia grandes desvios de trânsito, e Vénus e Marte tinham entrado em conjunção.

Um pouco depois bateram-lhe à porta, Michaela entrou e disse o nome do visitante. Era o último dos três *retardatários* que se tinham anunciado para aquela tarde. Estava atrasado três quartos de hora.

Estenderam a mão um ao outro. Chegou-lhe um leve odor a cogumelos. O senhor Preissner estava a transpirar.

– Muito obrigado por ainda ter conseguido... – disse a diretora e convidou-o a sentar-se.

– Não há problema – disse o senhor Preissner.

– Quase todos os outros pais vieram ontem ao final da tarde, mas neste caso especial decidimos dar a todos mesmo a oportunidade, e...

O senhor Preissner espirrou.

– Perdão – disse ele.

Pousou o guarda-chuva no chão. Aquilo que a diretora tomara por cheiro a cogumelos era possivelmente o interior de um carro novo, pensou ela.

– Bem, então – disse ela – naturalmente que sabe do que se trata.

Assentiu.

– A foto.

– Exatamente – disse a diretora. – Na nossa primeira circular aos pais, e para mim é muito importante dizer isto pessoalmente a cada um dos encarregados de educação, utilizámos um tom um tanto acusatório. Só nos apercebemos disso demasiado tarde e gostaria de lhe pedir desculpas pelo facto. E também à sua esposa.

– Oh, ok – disse o senhor Preissner e anuiu de forma amigável. Parecia não lhe custar especial esforço manter-se tranquilo.

– Muito bem – disse a diretora. – Portanto, para nós seria muito aconselhável que no final de tudo isto não fique uma série de questões por esclarecer. E quero garantir-lhe desde já que lhe deixamos obviamente a opção de comprar ou não o que quiser. Mas o senhor, quer dizer, a sua esposa, creio...

Passou-lhe uma folha. As sobrancelhas não se mexeram quando ele a leu, só numa das linhas é que precisou da ajuda do dedo por uns instantes, aproximou também um pouco o rosto do papel, mas de resto não mostrou qualquer reação.

– É verdade, a minha mulher inscreveu-se aqui – disse ele, depois de estudar a lista dos pedidos. – É ela que trata dos assuntos da escola.

– Aha. Sim, veja, senhor Preissner, eu sei que o senhor não quer estar a ser indelicado e que por isso... E creia-me, estou-lhe grata, a sério, houve alguns pais que estiveram aqui e que reagiram de forma muito diferente... Mas, enfim, também compreendo. O aspeto não é muito habitual, na verdade. Uma foto como esta. Aqui está.

Mesmo agora, quando ela lhe passava a fotografia de turma, continuou completamente tranquilo. À margem da foto de grupo pairava o logotipo a três dimensões, devidamente retocado pelo artista fotógrafo da escola Osbick: o emblema, emoldurado por duas asinhas curtas.

– É por causa do Daniel Grondl, não é? – perguntou a diretora amavelmente.

O visitante abanou, naturalmente um pouco depressa de mais, a cabeça.

– Não, não.

– Não pretendia que soasse a acusação, senhor Preissner.

– Temos as nossas razões – disse ele. – Nada contra a pobre criança, o facto de estar também na foto. Quer dizer, eu sei que pode parecer que eu, que nós... Mas o problema é que simplesmente não queremos adquirir a foto, ainda que a minha mulher se tenha inscrito na lista de pedidos. É só isso.

– É claro que não há problema nenhum se a foto não lhe agradar. Mas quase todos os pais desistiram do pedido depois de a terem visto. E sabiam que o Daniel iria estar na fotografia.

– Sim, claro.

A diretora virou a foto e ficou a observá-la ela própria. Fez um esforço para fazer uma cara séria e benevolente, mas não excessivamente tolerante. Podia assim sinalizar que estava de igual para igual com ele e que não tinha em mente qualquer tipo de manobra pedagógica. Sentiu que aquele homem era um dos bons. Com ele talvez pudesse chegar a um entendimento num plano humano.

– O aparelho – disse ela, olhando o senhor Preissner com simpatia.

Uma reação breve, imprecisa, passou-lhe fugazmente pelo rosto.

– O que é que tem? – perguntou ele, corajoso.

– O aparelho é necessário. Sem ele, o Daniel...

– Sim, sim, evidentemente – anuiu o senhor Preissner, como se já tivesse ouvido aquilo muitas vezes.

– Eu sei que tem um aspeto um pouco inusitado. Mas a sua Jessica, por exemplo, ela vê o aparelho todos os dias. Ela aprende a lidar com estas diferenças no dia a dia. É para isso que servem as turmas integradas.

– Com certeza.

O olhar do visitante viajou até ao teto, mas o teto era demasiado desinteressante e isento de frescos e por isso regressou ao coração da conversa desagradável.

– Bem, o que eu quero dizer – disse a diretora – e, por favor, não entenda isto como uma agressão...

– Não é nada contra o rapaz – disse o senhor Preissner com impaciência. – Nós é que não queremos a foto e pronto. Uma lista de pedidos como esta não é um contrato.

– Evidentemente que não. É só um acordo não vin-, não vinculativo...

– Sim, lamento – disse ele, cortando-lhe a frase. – Eu sei que teve trabalho com o fotógrafo e tudo. Não é nada contra o Daniel.

O bigode do senhor Preissner tinha uma lacuna invulgarmente grande no meio, o que conferia ao seu rosto algo de pacífico, asiático. A diretora fez um esforço para não estar constantemente a olhar diretamente para o pedaço de pele sem bigode acima da ranhura do lábio superior. Mas, tal como o umbigo de um gato, aquele pedaço exercia uma atração semelhante à de um ponto de fuga.

– O aparelho assusta-o? – perguntou ela.

– Como?

Uma expressão perplexa, no entanto ensaiada e com o tempo de exposição errado.

– Isso é muito natural – disse a diretora.

– Não, ele não nos assusta.

A voz dele soava agora um pouco diferente, mais masculina e controlada. Era uma ligeira mudança de estilo, um tender hesitante para tornar-se impaciente.

– A mim assustou-me quando o vi pela primeira vez – disse a diretora calmamente. – Ainda me lembro perfeitamente. No primeiro instante, não conseguimos imaginar que o aparelho possa conter uma criança, que desta forma se mantém vi-

– Não é isso – disse o senhor Preissner num tom de voz que era um progresso nítido e, possivelmente, a primeira pequena quebra, e que denotava uma ligeira irritação. – Só que, não sei como é que isto lhe vai soar, ok?

A diretora fez um gesto mudo, compreensivo, como quem diz *força*. O visitante inspirou fundo e expirou.

– Há, na minha opinião, uma fronteira – disse ele e cortou com o gume da mão lentamente a madeira da secretária. – Há uma linha que separa uma forma humana minimamente reconhecível e... Ah, ok, está a ver? Agora isto soa-lhe, agora vai pensar que eu sou um...

A diretora levantou as mãos.

– Não, não. Não estou aqui para formar sobre o senhor qualquer...

– Mas está a fazê-lo naturalmente.

– Não – disse ela com suavidade. – Por favor, continue.

O senhor Preissner revirou os olhos e voltou a encostar-se ao espaldar da cadeira.

– Eu sei – disse ele – que a senhora é capaz de se abstrair relativamente bem. Faz parte da sua profissão. Vê essa coisa e pensa: ok, isto contém... de alguma maneira... uma criança, que também pode participar nas aulas enquanto estiver lá dentro e enquanto a coisa não for des- Ah, está a ver? Agora está a fazer essa cara.

– Não estou, senhor Preissner.

– Para si é fácil. Se calhar vê coisas destas todos os dias. Consegue lidar com isso. Mas eu não sou capaz de lidar tão bem. Começo a sentir uma impressão no estômago, lamento ter de dizer isto de forma tão drástica. Perguntamo-nos constantemente até onde é que isto vai.

Ficou calado. Ela percebia pela expressão dele que se sentia derrotado. Quando entrara no gabinete dela, contara sair da conversa enquanto vencedor.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ela.

– Até onde é que o humano... a forma, a... Dois braços e duas pernas, a cara... Quer dizer, isto aqui não tem sequer um olhar, tem o aspeto de uma tomada!

Interpôs-se uma pausa desconfortável.

– Eu sei muito bem o que quer dizer – disse a diretora.

Fez um esforço por libertar o tom de voz de todo o tipo de atribuição de culpa. Ele já estava a estrebuchar, ela tinha de agir com cautela.

– Ficamos com pesadelos por causa dessa coisa.

Agora estava a ir um pouco longe de mais, pensou ela. Mas ele começou a sentir-se à vontade. Talvez estivesse na altura de tornar a estratégia um pouco mais acutilante.

– E o que é que diz a sua Jessica sobre o assunto? – perguntou ela. – Não acha que ela ficaria contente por ter uma fotografia de turma?

O senhor Preissner parecia ver-se obrigado a pensar honestamente sobre esta pergunta.

– Bem – disse ele – a senhora sabe como são as coisas nestas idades. Nas raparigas em geral. Acham-se sempre magras de mais, gordas de mais, é uma coisa que começa muito cedo. Ela nunca poria uma fotografia dela no quarto. De qualquer forma, as paredes já estão mais cheias de todo o tipo...

Que interessante, pensou a diretora, como ele se foi limitar imediatamente àquele cenário: no quarto *dela*. Não no apartamento, na sala de jantar ou noutro sítio qualquer, não, se a filha quisesse a fotografia, havia de ficar pendurada na parede do quarto dela. Contudo, disse para si própria: este é um dos bons.

– Compreendo-o – disse ela.

– A senhora acompanhou a caminhada durante aquele passeio? – perguntou o senhor Preissner subitamente.

Oh, aquela história. Por pouco que a diretora não revirou os olhos. Mas dominou-se.

– Não. A qual dos passeios se está a referir?

– Quer dizer, eu próprio não estava presente – disse o senhor Preissner. – Foi a minha mulher que me contou. Ela disse-me que no momento em que aquela estrutura... o aparelho, começou a rebolar pela colina abaixo e a vibrar cada vez mais, como... como aqueles vídeos de máquinas de lavar roupa que começam a centrifugar e alguém atira um tijolo para dentro do tambor, de maneira que... Conhece esses vídeos?

– Não.

– Estão na *internet* em todo o lado, é uma coisa doida. Aquela rotação maluca, bem, sabe o que eu quero dizer, aquela rotação desenfreada e depois aquele emaranhado de tubos minúsculos na erva. A minha mulher disse-me que era como se tivesse explodido um frigorífico. Tudo espalhado pela colina abaixo. E depois, claro, a professora responsável...

– A senhora Triegler – disse a diretora.

Disse-o um pouco pelo prazer do acrescento, um pouco por necessidade de conter um pouco o débito do discurso do senhor Preissner. As faces dele tinham ganhado cor, faziam-no parecer jovem. Jovem e intimidado. Mas ainda não estava preparado.

– Triegler, exato – disse o senhor Preissner – aquela professora que depois vai a correr com os equipamentos dela ter com ele e recolhe as peças todas, e depois aquela gritaria, a casca, a casca... já não me lembro bem. De qualquer maneira, aqueles segundos terríveis em que fica tudo espalhado pelo chão e ficam todos a olhar. A minha mulher ficou mesmo perturbada naquele dia, sabe? Mas a Jessica disse que acontecia com alguma frequência.

– O quê?

– Claro que não é de forma tão espetacular – disse o senhor Preissner – mas em pequenas coisas, umas vezes é qualquer coisa que se parte, outras é uma ligação que avaria. Cheira muitas vezes a borracha queimada, diz a minha filha...

– Senhor Preissner, posso garantir-lhe que...

– Não, não estou a dizer que a senhora está a fazer algo de errado, eu... ah, meu Deus, isto é tudo tão difícil. Há uma fronteira simplesmente, entende? Era isso que eu queria dizer. Não pretendia dizer mais nada. Existe uma fronteira. E quando é ultrapassada...

– Sim, isso já o senhor disse.

– Só quero dizer – disse o senhor Preissner – se isto é uma criança...

Tinha-lhe saído finalmente a dura frase. Quantas vezes a ouvira nos últimos dias? Aquele mantra que pelos vistos era repetido nas cabeças dos pais todos os dias quando iam buscar os filhos à escola e viam o automóvel adaptado da família Grondl, depois a estrutura que abanava, apoiada por um conjunto de balões de que pendia, elástica, e era empurrada pela rampa, enquanto as crianças acenavam calorosamente à estrutura para dizer adeus. Eram pequenas criaturas, sem preconceitos, o futuro da humanidade. E o veículo monstruoso, quase da forma de um ovo, feito para um ser vivo infeliz, que aceitavam como um dos seus.

– Mas que tipo de pais são estes que mandam construir uma coisa assim?

– Senhor Preissner, por favor – disse a diretora, levantando a mão.

Queria poupá-lo a conduzir a conversa para aquela direção.

– Não – disse ele, e o seu rosto tinha uma expressão honesta e triste – gostaria mesmo de saber porquê. Que tipo de pais fazem uma coisa destas a um filho? Há uma fronteira, ou não? A certa altura a vida deixa de o ser, não continua. Todos nós temos de, a dada altura... Quer dizer, a senhora sabe bem como é...

– Sim.

– A senhora faria isso aos seus filhos? Mandar fazer uma coisa assim controlá-la de casa por telecomando?

– Não tenho filhos.

– Mesmo assim – insistiu ele. – Faria isso?

– Senhor Preissner, penso que não me cabe a mim fazer juízos sobre as decisões dos outros pais só por não serem as minhas.

– Quer dizer que não o faria?

– Não foi isso que eu disse – retorquiu tão suavemente quanto pôde.

– Eu também não o faria – disse o senhor Preissner, abanando a cabeça, decidido. – Até lho poderia deixar aqui e agora por escrito. Nunca poria aquela coisa,

aquele caixote esquisito... quer dizer, se nem posso cobri-lo antes de dormir, já não é sequer uma criança.

Interrompeu o discurso. Tinha as faces manchadas de vermelho. O intervalo de pele sem bigode sobre o lábio superior. O olhar no chão. Deve ter percebido de repente que tinha ido longe de mais. Era o momento de ela se tornar ativa, a pequena janela da consciência de culpa estava aberta e ela podia levá-lo sem grande dificuldade a comprar apesar de tudo a fotografia de turma. Mas, contrariamente às oportunidades dos dias anteriores, a diretora hesitou e o seu olhar perdeu-se por instantes, por uma razão qualquer, num pequeno catavento que se divisava num telhado distante. Um objeto filiforme cuja função era girar ao vento e deleitar a vizinhança com o seu ranger familiar. Lembrou-se dos dias de outono, das folhas castanho avermelhado na entrada. Cobrir, antes de dormir.

– Desculpe – disse ela. – O que foi que disse?

– Oh, nada – disse o senhor Preissner. – Não era essa a minha intenção. As coisas soam logo a...

– Não, não – disse ela. – O senhor disse: se não podemos cobri-lo antes de dormir já não é sequer uma criança, não foi?

O senhor Preissner olhou-a. Estava envergonhado e não sabia como remediar o passo em falso.

– Posso perguntar-lhe como é que chega a essa conclusão?

– A qual?

– Como é que o senhor sabe que à noite, antes de dormir... quer dizer, o senhor presume simplesmente que é assim ou...

O senhor Preissner encolheu os ombros e olhou para o lado.

– Talvez tenha sido a minha filha a referir qualquer coisa do estilo.

– O quê?

Fez um sinal com a mão, em sinal de dúvida.

– Oh, não faço ideia. A senhora sabe como é, as crianças às vezes podem ser cruéis por trás das costas...

Pigarreou.

– O que quer dizer com isso?

– Bem. Aquilo da garagem.

– Não sei a que se está a referir.

– A sério?

O senhor Preissner parecia espantado. O seu olhar tinha até algo de levemente acusador, como se ficasse verdadeiramente estupefacto por ela saber tão pouco acerca da vida privada dos próprios alunos.

– Uma cama – começou por dizer, à cautela – já não é, por assim dizer, necessária.

– Quer dizer para o Daniel?

– Sim – disse o senhor Preissner. – Ele não tem de... Portanto, podem-no...

O resto da frase foi completada por um gesto estranhamente quadrangular a imitar uma gaveta.

– Bem, não sei como será o dia a dia num caso tão especial – disse a diretora – mas...

– Não queremos a foto e pronto – disse o senhor Preissner. – Não podemos deixar o assunto por aqui?

Era uma espécie de proposta de tréguas. A diretora sentiu que tinha perdido a oportunidade. A imagem de uma garagem escura passava-lhe agora pelo pensamento, fria e funesta, e anunciava-se uma pele de galinha que, graças a Deus, ficou a poucos milímetros da superfície. Em compensação, sentiu de repente uma necessidade enorme de abrir a janela.

– Já viu o Daniel de verdade alguma vez? – perguntou o senhor Preissner.

– Claro que sim. O que quer dizer com isso?

– Quer dizer, pode-se abrir ou...

– Senhor Preissner, isso agora é de um certo mau gosto, não acha?

– Não – disse ele e o seu rosto ganhou algo de uma honestidade e transparência irritantes. – Quer dizer, parece-me uma pergunta justificada. Está bem, na peça de Natal a coisa tocou uma melodia de Natal no meio do palco e os pais choraram como uns danados, mas...

– Ele interage – disse a diretora e emprestou à voz um tom impaciente de explicação. – E isso é a coisa mais importante. É possível trabalhar com ele. Participa da vida à maneira dele.

– Mas uma boca de incêndio também – disse o senhor Preissner.

Antes que ela tivesse tempo de reagir àquela frase monstruosa, já ele tinha levantado o guarda-chuva do chão. Não olhou para ela, fez antes de conta que estava a limpar uns pós invisíveis do tecido.

– Eu diria que devemos dar-nos por felizes – disse a diretora – por não sabermos nada do que é esta dor. Perder um filho quase por completo é uma coisa que as pessoas normais como o senhor ou eu não podem imaginar assim sem mais.

Ele continuava a não olhar para ela. Mas as manchas vermelhas tinham desaparecido do seu rosto.

– Nós não sabemos nada do que isso é – prosseguiu ela. – Não sabemos nada do que é essa dor e também do alívio que... Só conhecemos um quotidiano em que tudo funciona, em que todos têm sempre saúde.

– A minha filha tem asma – disse o senhor Preissner.

– Sim, tem, é verdade, pois tem...

A diretora reagiu como se tivesse uma comichão desagradável na garganta e sentisse vontade de tossir, mas o riso que de repente assomou, descontrolado, foi difícil de disfarçar. O senhor Preissner não riu. A diretora sentiu-se como que trespassada. Por uma corda de secar roupa estendida entre Vénus e Marte. Tossiu para cima do punho.

– Perdão – disse ela e bebeu um gole do copo que estivera o tempo todo diante dela, intocado.

– Por um instante – disse o senhor Preissner virado para o guarda-chuva – quase que me convencia, a sério.

A diretora esperou um pouco antes de responder.

– Nunca tive a intenção tentar convencê-lo, senhor Preissner.

– Não – disse ele e levantou-se.

A diretora também se levantou, suspirou e limpou as mãos, como se as tivesse sujado durante a conversa, às mangas. Mas o senhor Preissner interpretou aquele gesto como uma expressão de arrepio de frio.

– Pois – disse ele – está a começar a ficar frio. Lá fora já se sente bem o frio.

– Todos sentimos frio – disse ela.

– Nem todos – disse o senhor Preissner, olhando-a.

Depois a mão dele veio ao seu encontro. Estava quente e a pressão era firme, quase calorosa.



Letra – Portal de Literatura Contemporânea Alemã

Goethe-Institut Portugal

Campo dos Mártires da Pátria, 37

1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura
biblioteca.lisboa@goethe.de